

# A acrobata de marfim

Quando terminou, ela permaneceu parada na rua cheia, escutando o murmúrio denso de toda aquela gente falando. Ouviu a primeira explosão distante de buzinas na avenida. As pessoas examinavam umas às outras para comparar suas reações. Ela as via buscando rostos, sinais de que fulano ou beltrano estava bem. Percebeu que as luzes da rua estavam acesas, e tentou calcular há quanto tempo seu apartamento estava no escuro. Todos estavam falando. Ela ouvia as mesmas expressões sendo repetidas, parada com os braços cruzados sobre o peito, vendo uma mulher levar uma cadeira para um lugar apropriado. O som das buzinas atravessava as ruas. Gente saindo da cidade em fluxos radiais. Ela já estava pensando no próximo. Há sempre mais um, talvez muitos mais.

Os jogadores de cartas estavam parados à frente do café, alguns deles examinando um pedaço de alvenaria caído na calçada, outros olhando em direção ao telhado. Aqui e ali um rosto proeminente, um corpo virando-se devagar, procurando. Ela estava usando as mesmas roupas desde que a coisa começara, jeans

e blusa e suéter leve, era noite e inverno, e um par de mocassins esquisitos que só usava dentro de casa. As buzinas aumentavam, numa espécie de grito, um pavor animal. O deus pânico, afinal, é grego. Ela pensou de novo e verificou que não tinha certeza se as luzes estavam mesmo apagadas. Havia mulheres paradas de braços cruzados, no frio. Ela caminhava pelo meio da rua, escutando as vozes, traduzindo as expressões mentalmente. Era igual para todos. Diziam as mesmas coisas e procuravam rostos. As ruas eram estreitas aqui, e havia gente dentro de carros estacionados, fumando. Aqui e ali uma criança correndo, abrindo caminho no meio da multidão, crianças agitadas na rua quando já era quase meia-noite. Ela pensou que talvez houvesse um brilho no céu, e subiu uma ladeira com degraus largos na calçada de onde se tinha uma vista do golfo. Tinha a vaga ideia de ter lido que às vezes há uma luz no céu logo antes ou logo depois de a coisa acontecer. Isso era apresentado como algo que não tinha explicação.

Depois de algum tempo, as pessoas começaram a voltar para dentro de casa. Kyle caminhou por três horas. Ela via os carros entrando nas grandes avenidas que levavam à serra e à costa. Os semáforos estavam apagados em certas áreas. As longas filas de carros, retorcidas e curvadas, avançavam muito devagar. Paralisia. Ocorreu-lhe que a cena lembrava alguma paisagem do nosso lado onírico, o que a cidade nos ensina a temer. Os carros buzinavam sem parar. O barulho se espalhava pelas ruas e culminava numa negação final em massa, numa desolação. Diminuiu após algum tempo, depois voltou a aumentar. Ela via pessoas dormindo em bancos e famílias reunidas em carros estacionados nas calçadas e nas faixas de concreto entre as pistas. Relembrou tudo o que já ouvira dizer sobre terremotos.

No seu bairro, as ruas agora estavam quase desertas. Kyle entrou no prédio onde morava e subiu a escada até o quinto an-

dar. As luzes estavam acesas em seu apartamento, e havia cacos de terracota (só agora ela lembrava) espalhados no chão junto à estante. Rachaduras extensas ramificavam-se na parede oeste. Ela trocou os mocassins por sapatos de caminhar, vestiu um casaco forrado e apagou todas as luzes, menos a luminária junto à porta. Então se instalou no sofá entre um lençol e um cobertor, apoiando a cabeça num travesseiro de avião. Fechou os olhos e encolheu-se, cotovelos junto à cintura, mãos entrelaçadas entre os joelhos. Tentou obrigar-se a dormir, mas deu-se conta de que na verdade estava escutando atentamente, escutando a sala. Estava meio que flutuando fora do tempo, numa espiral mental, movida por pensamentos incompletos. Afundou num sono falso e depois voltou a escutar. Abriu os olhos. No relógio eram quatro e quarenta. Ouviu alguma coisa que parecia areia a derramar-se, uma poeira grossa escorrendo entre as paredes de prédios adjacentes. A sala começou a balançar, com um suspiro áspero. Mais alto, mais forte. Ela levantou-se e seguiu em direção à porta, andando um pouco agachada. Abriu a porta e ficou embaixo do lintel até que o tremor cessou. Desceu a escada. Dessa vez não encontrou vizinhos saindo à rua, enfiando os braços no casaco. As ruas permaneciam quase desertas, e ela concluiu que as pessoas não queriam se dar ao trabalho de fazer tudo de novo. Ficou vagando pelas ruas até bem depois de o dia raiar. Nos parques havia algumas fogueiras. As buzinas agora eram esporádicas. Kyle contornou seu prédio algumas vezes, e por fim sentou-se num banco perto da banca de jornal. Ficou vendo as pessoas chegarem à rua para começar o dia, procurando alguma coisa em seus rostos que indicasse como haviam passado a noite. Temia que tudo parecesse estar normal. Era terrível pensar que as pessoas eram capazes de retomar tranquilamente a rotina caótica de uma Atenas com os nervos em frangalhos. Não queria ser a única a pensar que alguma coisa havia mudado radicalmente. O mundo se reduzira a um lado de dentro e um lado de fora.

Foi almoçar com Edmund, seu colega na escolinha onde ela ensinava música a crianças das comunidades estrangeiras, do terceiro ao sexto ano. Ela estava ansiosa para saber de que modo ele reagira à situação, mas primeiro convenceu-o a comer ao ar livre, numa mesa encostada na fachada de uma lanchonete com muito movimento.

“A gente ainda pode morrer”, disse Edmund, “se cair uma sacada em cima da gente. Ou então congelar nestas cadeiras.”

“O que foi que você sentiu?”

“Parecia que o meu coração ia pular pra fora do peito.”

“Que bom. Eu também.”

“Saí correndo.”

“Claro.”

“Quando estava descendo a escada, eu tive uma conversa estranhíssima com o homem que mora em frente ao meu apartamento. Quer dizer, antes a gente quase nunca tinha trocado uma palavra. Tinha umas vinte pessoas descendo a escada em disparada. De repente ele cismou de conversar. Me perguntou onde eu trabalho. Me apresentou à mulher dele, que àquela altura do campeonato estava se lixando pros detalhes do meu trabalho. Quis saber se eu estava gostando de morar na Grécia.”

O céu estava baixo e cinzento. As pessoas chamavam as outras pela rua, gritavam dos carros que passavam. *Eksi komma eski*. Estavam se referindo ao primeiro, o mais forte. Seis vírgula seis. Kyle ouvira esse número sendo repetido a manhã inteira, pronunciado com reverência, ansiedade, orgulho amargo, um eco pelas ruas ressabiadas, uma forma de saudação fatalista.

“E depois?”, ela perguntou.

“O segundo. Acordei logo antes.”

“Você ouviu alguma coisa.”

“Parecia uma criança jogando um punhado de areia na vidraça.”

“Muito bom”, disse ela.

“E aí começou.”

“Começou.”

“Pof. Saltei da cama que nem um maluco.”

“As luzes se apagaram?”

“Não.”

“E da primeira vez?”

“Sabe, não tenho certeza.”

“Bom. Eu também não. Teve um brilho no céu alguma hora?”

“Se teve, eu não reparei.”

“Isso pode ser um mito.”

“Deu nos jornais que uma central elétrica pode ter pifado, daí o clarão. Quanto a isso, a coisa não está clara.”

“Mas nós tivemos experiências parecidas.”

“É o que parece”, disse ele.

“Bom. Ainda bem.”

Para ela, ele era o rapaz inglês, embora já tivesse trinta e seis anos, fosse divorciado, parecesse sofrer de artrite e nem fosse inglês de verdade. Mas ele entrava num êxtase inglês diante da luminosidade da Grécia, onde Kyle só via fumaça química erodindo as ruínas. E tinha o rosto sério e antiquado de um garoto posando para um retrato formal, cabelo espetado, ar pensativo.

“Onde foi o epicentro?”, ela perguntou.

“A mais de sessenta quilômetros daqui.”

“Mortos?”

“Treze, até agora.”

“O que é que a gente vai fazer?”

“Em relação a quê?”, ele perguntou.

“A tudo. Todos os tremores secundários.”

“Já tivemos duzentos. Deve durar várias semanas. Leia os jornais. Talvez meses.”

“Olha só, Edmund. Não quero ficar sozinha esta noite. Tudo bem?”

Ela vivia numa pausa. Vivia fazendo pausas, sozinha no apartamento, para escutar. Sua audição havia adquirido uma limpidez, um rigor discriminador. Ela estava sentada à mesinha onde fazia as refeições, escutando. A sala tinha mais de dez sons, em sua maioria perturbações de tom, pressões que diminuam nas paredes, e ela os acompanhava e esperava. Havia um segundo nível, menos perigoso, que ela reservava para os ruídos da rua, o elevador subindo. Todo o perigo estava do lado de dentro.

Um farfalhar. Um balançar leve. Ele acocorava-se no vão da porta, como uma criança da era nuclear.

Os tremores penetravam seu fluxo sanguíneo. Ela escutava e esperava. Não conseguia dormir à noite e aproveitava momentos esparsos do dia, cochilando numa sala vazia na escola. Tinha pavor de voltar para casa. Olhava para a comida no prato e às vezes se levantava, ouvindo com atenção, pronta para partir, ir para o lado de fora. Devia haver algo de engraçado nessa cena, uma pessoa parada, em pé, diante do prato de comida, ligeiramente inclinada em direção à porta, as pontas dos dedos na beira da mesa.

É verdade que antes de um grande terremoto os cães e gatos fogem? Ela julgava ter lido em algum lugar que na Califórnia as pessoas costumam verificar regularmente os classificados pessoais nos jornais para ver se o número de cães desaparecidos aumentou muito. Ou seria aquilo um mito?

O vento fazia os postigos balançar e bater. Ela escutava os cantos da sala, as interfaces. Ouvia tudo. Deixou uma bolsa grande perto da porta para o caso de ter que sair de repente — dinheiro, livros, passaporte, cartas enviadas pela família. Ouviu o sino do afiador de facas.

Não leu os jornais, mas concluiu que os tremores secundários já eram mais de oitocentos e os mortos chegavam a vinte, havia entulho de hotéis e gente morando em barracas perto do epicentro e outras vivendo em áreas ao ar livre em alguns bairros de Atenas, porque seus prédios estavam ameaçados.

Os jogadores de cartas não tiravam o casaco dentro do café. Ela passou pelas amoreiras podadas e atravessou a feira e olhou para a mulher que vendia ovos e pensou em algo a lhe dizer que fizesse com que as duas se sentissem melhor, falando seu grego bem razoável, pechinchando. Um homem segurou a porta do elevador, mas ela agradeceu com um gesto e subiu pela escada. Entrou em seu apartamento, escutando. Os toldos da varanda estavam inflados de vento, estalando ruidosamente. Ela queria que sua vida voltasse a ser episódica, impensada. Uma estrangeira anônima — andando com passos silenciosos, recolhendo informações, contentando-se com observações aleatórias. Queria ter conversas sem importância com avós e crianças nas ruas do bairro operário onde morava.

Ensaiaava suas fugas mentalmente. Tantos passos da mesa para a porta. Tantos passos para a rua. Parecia-lhe que, se imaginasse a cena de antemão, talvez a coisa funcionasse melhor.

Gritou o homem da loteria: “Corre hoje, corre hoje”.

Ela tentava ler nas noites tensas, os tempos de terror apateado. Segundo os boatos, não eram tremores secundários, e sim prenúncios de alguma perturbação profunda da fossa continental, o acúmulo de uma força que haveria de percorrer a cidade de coração de mármore e reduzi-la a pó. Ela soerguia-se e virava as páginas, tentando disfarçar-se de uma pessoa que costumava ler quinze minutos todas as noites antes de adormecer com facilidade.

Não era tão ruim na escola, onde estava disposta a proteger as crianças, cobrir-lhes os corpos com o seu.

Os tremores viviam em sua pele e faziam parte de sua respiração. Ela fazia pausas enquanto comia. Um farfalhar. O vergar suave de um junco. Imóvel, em pé, ela escutava, sozinha com a terra que tremia.

Edmund disse-lhe que havia comprado um presente para ela, para substituir o enfeite de telhado de terracota que ficava apoiado contra a parede em cima da estante, folhas de acanto irradiando-se da cabeça de um Hermes sonolento, e que fora despedaçado no primeiro tremor.

“Você não vai sentir muita falta do seu Hermes, não. Afinal, ele está em tudo que é lugar, não é?”

“Era por isso que eu gostava dele.”

“Você compra outro sem problema. Tem pilhas deles à venda.”

“Mas vai cair e quebrar”, ela argumentou, “quando vier o próximo.”

“Vamos mudar de assunto.”

“No momento, só tem um assunto. Esse é o problema. Antes eu tinha uma personalidade. E agora, o que é que eu sou?”

“Você tem que entender que passou.”

“Eu estou reduzida ao instinto puro, irracional, canino.”

“A vida continua. As pessoas estão seguindo em frente.”

“Não estão, não. Não como antes. Só porque elas não andam por aí se lamuriando.”

“Não tem por que se lamuriar. A coisa acabou.”

“Não quer dizer que elas não estejam preocupadas. Foi há menos de uma semana. Tem tremores o tempo todo.”

“Cada vez mais fracos”, disse ele.

“Tem uns que não são tão fracos assim, não. Chegam mesmo a chamar a atenção.”



“Muda de assunto, por favor.”

Estavam junto à porta da escola, e Kyle observava um grupo de crianças entrando num ônibus para ir visitar um museu fora da cidade. Ela sabia que sempre conseguia irritar o rapaz inglês. Sob esse aspecto, ele era confiável. Kyle sempre sabia a posição que ele haveria de adotar e por vezes previa as palavras exatas, praticamente movendo os lábios em sincronia com os dele. O rapaz inglês dava um pouco de estabilidade àqueles tempos terríveis.

“Antes você era ágil.”

“E olha como eu estou agora”, disse ela.

“Pesadona.”

“Eu uso roupa em camadas. Uso ao mesmo tempo uma roupa e uma muda de roupa. Pra estar sempre pronta.”

“Eu não tenho dinheiro pra ter uma muda de roupa”, disse ele.

“Eu não tenho dinheiro pra lavagem a seco.”

“Eu fico me perguntando como foi que isso aconteceu comigo.”

“Eu vivo sem geladeira, telefone, rádio, cortina de chuveiro e sei lá o que mais. Guardo a manteiga e o leite na sacada.”

“Você é muito calada”, ele observou então. “É o que todo mundo diz.”

“Sou mesmo? Quem?”

“Aliás, quantos anos você tem?”

“Agora que a gente passou a noite juntos, é isso que você quer dizer?”

“A gente passou a noite. Exatamente. Uma noite inteira abraçadinhos conversando.”

“Pois me ajudou. Foi importante, mesmo. Foi a noite crucial. Se bem que as outras não foram tão aconchegantes.”

“Pode voltar quando quiser, você sabe. Eu fico pensando.

Uma moça ágil que vem correndo do outro lado da cidade pros meus braços.”

As crianças acenavam para eles das janelas, e Edmund fez uma imitação de motorista de ônibus de olhos esbugalhados num trânsito infernal. Ela viu os rostinhos alegres se afastando.

“Você tem uma boa cor”, ela comentou.

“O que é que isso quer dizer?”

“As suas faces são coradas e saudáveis. Meu pai dizia que se eu comesse legumes minhas faces iam ficar rosadas.”

Ela esperou que Edmund perguntasse: e o que dizia a sua mãe? Então deram uma caminhada, fazendo hora até o início das aulas da tarde. Edmund comprou uma rosca de pão com gergelim e deu metade a ela. Para pagar a compra, abriu a mão cheia de moedas e deixou que o vendedor pegasse a quantia adequada. O gesto provava a todos que ele estava ali só de passagem.

“Você está sabendo dos boatos”, disse ela.

“Bobagens.”

“O governo está escondendo dados sísmicos.”

“Não existe absolutamente nenhum indício científico de que vai haver um grande terremoto em breve. Leia os jornais.”

Ela tirou o casaco volumoso e jogou-o sobre o ombro. Deu-se conta de que queria que ele a achasse um pouco boba, que era levada pelas emoções coletivas. Havia algo de tranquilizador em acreditar na pior hipótese, desde que fosse a tendência dominante. Mas não queria se submeter por completo. Caminhava se perguntando se não estaria arrancando de Edmund afirmações categóricas que ela pudesse usar contra si própria.

“Você tem vida interior?”

“Eu durmo”, ele respondeu.

“Não estou falando nisso.”

Atravessaram correndo um trecho da avenida onde os carros aceleravam ao máximo. Era uma sensação boa, sacudir-se e

libertar-se de sua pele trêmula. Continuou correndo por meio quarteirão e então virou-se para vê-lo aproximar-se agarrando o peito e caminhando com passos trôpegos, como se estivesse fazendo graça para as crianças. Ele parecia um pouco livresco mesmo fazendo palhaçadas.

Estavam chegando ao prédio da escola.

“Eu queria saber como o seu cabelo ia ficar se você deixasse crescer.”

“Não tenho dinheiro pra gastar em xampu”, disse ela.

“Eu não tenho dinheiro pra ir ao barbeiro regularmente, falando sério.”

“Eu vivo sem piano.”

“E isso é um grande sacrifício em comparação com não ter geladeira?”

“Você faz essa pergunta porque não me conhece. Eu vivo sem cama.”

“Sério?”

“Eu durmo num sofá de segunda mão. Com a textura de um casco de navio coberto de cracas.”

“Então por que você não vai embora daqui?”, ele perguntou.

“Não consigo economizar o bastante pra ir pra outro lugar, e pra voltar pra casa não estou preparada, de jeito nenhum. E, além disso, eu gosto daqui. Estou meio que exilada aqui, mas é mais ou menos voluntário. O problema agora é que a gente podia estar em qualquer lugar. A única coisa que importa é onde a gente está na hora que começar a tremer.”

Então ele deu o presente, tirando-o do bolso do casaco e desembulhando o papel sêpia devagar, fazendo suspense. Era a reprodução de uma estatueta de marfim de Creta, uma mulher saltando um touro, o corpo retesado com precisão, os pés afilados chegando ao ponto mais alto da curva do salto mortal. Edmund explicou que a jovem estava saltando por cima dos chi-

fres de um touro feroz. Era uma cena comum na arte minoica, encontrada em afrescos, bronzes, sinetes de argila, anéis de sinete de ouro, taças cerimoniais. Na maioria das vezes é um rapaz, de vez em quando uma moça agarrando os chifres do touro e saltando, tomando impulso com o movimento de cabeça do animal. Edmund lhe disse que a estatueta de marfim original fora partida ao meio em 1926, e perguntou se ela queria saber por que isso havia acontecido.

“Não me diga. Quero adivinhar.”

“Um terremoto. Mas a restauração foi tranquila.”

Kyle pegou a estatueta.

“Um touro galopando a toda a velocidade? Isso é possível?”

“Não sou dado a questionar o que era possível três mil e seiscentos anos atrás.”

“Não sei nada sobre os minoicos. Foi há tanto tempo assim?”

“Foi, e muito mais tempo atrás, até.”

“Quem sabe o touro estava bem amarrado numa estaca.”

“Isso nunca é mostrado”, ele retrucou. “O touro é sempre grande, feroz, está correndo e atacando.”

“A gente tem que acreditar que a coisa acontecia exatamente como os artistas mostravam?”

“Não. Mas eu acredito. E embora essa moça em particular não esteja acompanhada de um touro, com base na posição dela a gente sabe que é isso que ela está fazendo.”

“Saltando por cima de um touro.”

“Isso mesmo.”

“E ela vai viver pra contar a história.”

“Ela viveu. Ela está viva. Foi por isso que eu comprei isso pra você. Pra você se lembrar da sua agilidade oculta.”

“Mas você é que é o acrobata”, disse Kyle. “Você é que é todo flexível, que faz performance na rua.”

“Pra você lembrar como você era leve e fluida.”

“Você é que salta e estala os calcanhares.”

“Na verdade, minhas juntas doem pra caramba.”

“Olha só as veias na mão e no braço dela.”

“Comprei baratinho no mercado de pulgas.”

“Saber disso me faz sentir muito melhor.”

“É a sua cara”, disse ele. “Tem que ser você. Estamos de acordo quanto a isso? Olha só, pega. É o seu eu verdadeiro e mágico, produzido em massa.”

Kyle riu.

“Esguia, ágil e jovem”, ele prosseguiu. “Pulsando de vida interior.”

Ela riu. Então o sinal da escola soou e eles entraram.

Ela estava em pé no meio da sala, vestida, só sem sapatos, desabotoando a blusa lentamente. Fez uma pausa. Passou o botão pela casa. Então ficou parada, pisando no chão de madeira, escutando.

Agora estavam dizendo que eram vinte e cinco os mortos, milhares os desabrigados. Algumas pessoas haviam abandonado prédios intactos, preferindo a segurança desconfortável da vida ao ar livre. Kyle entendia perfeitamente essa escolha. Naquela noite ela tinha conseguido pela primeira vez dormir razoavelmente, mas continuava a evitar os elevadores e os cinemas. O vento derrubava objetos soltos das sacadas dos fundos. Ela escutava e esperava. Imaginava-se fugindo da sala.

Descia enxofre do céu industrial, manchando as calçadas, e um professor da escola disse que era areia trazida da Líbia por aqueles belos ventos do deserto.

Ela estava sentada no sofá, de pijama e meias, lendo um livro sobre a flora local. As pernas estavam debaixo de um cobertor. Havia um copo d’água pela metade na mesa lateral. Seus olhos

se desviaram da página. Faltavam dois minutos para a meia-noite. Ela fez uma pausa, olhando para a meia distância. Então ouviu a coisa começando, um ronco na terra, uma força se deslocando no ar. Ficou parada por um longo segundo, imersa em pensamentos, e em seguida jogou o cobertor para o lado. O momento explodia a seu redor. Ela correu até a porta e abriu-a, percebendo de modo impreciso o tremor dos abajures e alguma coisa úmida. Agarrou as bordas do alizar da porta e olhou para dentro da sala. Os objetos saltitavam. Ela formulou o pensamento categórico: *Este é o maior até agora*. A sala estava mais ou menos borrada. Dava a sensação de estar prestes a estilhaçar-se. Ela sentia o efeito nas pernas desta vez, uma sensação de esvaziamento, uma entrega suave a alguma doença. Era difícil de acreditar, difícil de acreditar que durava tanto tempo. Apertou o alizar com as mãos, procurando uma tranquilidade dentro de si própria. Quase conseguia ver uma imagem de sua mente, uma vaga oval cinzenta, flutuando pela sala. O tremor não parava. Havia nele uma raiva, uma exigência implacável. O rosto dela traía o esforço deformante de um halterofilista. Não era fácil entender o que estava acontecendo a seu redor. Ela não conseguia ver as coisas da maneira normal. Via apenas a si própria, a pele luminosa, esperando que o quarto se dobrasse sobre ela.

Então terminou, e Kyle vestiu umas roupas por cima do pijama e desceu a escada. Andava rápido. Atravessou o saguão pequeno correndo, roçando num homem que acendia um cigarro à porta. Pessoas saíam para a rua. Ela andou meio quarteirão e parou à margem de um grupo numeroso. Estava ofegante, os braços pendendo moles. Seu primeiro pensamento nítido foi o de que precisaria voltar para casa mais cedo ou mais tarde. Ouvia as vozes caindo a seu redor. Queria ouvir alguém dizer exatamente isso, que a crueldade existia no tempo, que estavam todos desprotegidos no fluxo do tempo. Ela disse a uma mulher

que achava que um cano de água havia se partido em seu apartamento, e a mulher fechou os olhos e balançou a cabeça pesada. Quando terminaria aquela história toda? Ela disse à mulher que havia se esquecido de pegar sua bolsa antes de sair de casa apesar de tantos dias de planejamento cuidadoso, e tentou contar a história com um tom irônico, torná-la engraçada, levemente autozombeteira. Tem que haver alguma coisa engraçada a que a gente possa se apegar. Todos balançavam as cabeças.

Por toda a rua havia pessoas acendendo cigarros. Já se passavam oito dias desde o primeiro tremor, oito dias e uma hora.

Ela passou a maior parte da noite caminhando. Às três da madrugada parou na praça diante do Estádio Olímpico. Havia carros estacionados e dezenas de pessoas, e ela ficou a examinar os rostos e escutar. O tráfego passava lento. Havia um curioso estado de espírito ambíguo, uma solidão pensativa no centro de todo aquele falatório, a sensação de que as pessoas estavam um pouco distanciadas da ânsia de procurar companhia. Ela começou a andar.

Tomando o café da manhã em seu apartamento às nove horas, sentiu o primeiro tremor secundário mais forte. O cômodo inclinou-se, pesado. Ela levantou-se da mesa, os olhos úmidos, e abriu a porta e ficou acorada ali, segurando um pãozinho com manteiga.

Errado. O último sismo não era o mais forte na escala Richter. Era apenas seis vírgula dois.

E ela se deu conta de que não havia durado mais do que os outros. Era uma ilusão coletiva, segundo diziam na escola.

E a água que ela vira ou sentira não viera de um cano quebrado, e sim de um copo d'água que caíra da mesa ao lado do sofá.

E por que sempre acontecia à noite?

E onde estava o rapaz inglês?

O copo d'água estava intacto, mas a brochura sobre a flora local estava molhada e enrugada.

Ela subia e descia pela escada.

Ela mantinha a bolsa perto da porta.

Ela estava privada de sentimentos, pretensões, expectativas, texturas.

A coisa impiedosa era o tempo, a ameaça do avanço do tempo.

Ela estava privada de presunções, persuasões, complicações, mentiras, todos os entrelaçamentos de acordos que tornavam a vida possível.

Não entre em cinemas nem salas cheias de gente. Ela estava reduzida a categorias de sons, a advertências feitas a si própria e uma infinidade de introspecções.

Ela fazia pausas, sozinha, para escutar.

Ela imaginava-se saindo da sala de maneira sensata.

Ela procurava nos rostos das pessoas alguma coisa que lhe dissesse que a experiência delas era igualzinha à sua, chegando aos detalhes dos pensamentos mais estranhos.

Tem que haver alguma coisa engraçada nisso em algum lugar, alguma coisa que a gente possa usar para aguentar mais uma noite.

Ela escutava tudo.

Ela tirava cochilos rápidos na escola.

Ela estava privada da própria cidade. Podíamos estar em qualquer lugar, qualquer canto perdido de Ohio.

Ela sonhava com uma poça de efeméridas, coberta de flores caídas das árvores.

Use sempre as escadas. Escolha uma mesa perto da porta nos cafés e tabernas.

Os jogadores de cartas, imersos numa nuvem de fumaça,



faziam apenas os movimentos necessários, protegendo suas cartas, sérios.

Ela soube que Edmund estava no norte com uns amigos, visitando mosteiros.

Ela ouvia o ronco das motocicletas subindo a ladeira.

Ela examinava as rachaduras na parede oeste e falava com o senhorio, que fechava os olhos e balançava a cabeça pesada.

O vento provocava um farfalhar em algum lugar bem perto dela.

Ela passou a noite em claro com seu livro de páginas endurecidas pela água, tentando ler, tentando livrar-se da sensação de que estava sendo levada inevitavelmente para algum momento oscilante no tempo.

O acanto é um arbusto perene.

E tudo no mundo está ou do lado de dentro ou do lado de fora.

Kyle encontrou a estatueta um dia dentro de uma gaveta da escrivaninha da escola, em meio a pastilhas para a garganta e cliques, num escritório usado como sala de professores. Não se lembrava de tê-la colocado ali e sentiu o conflito costumeiro entre a sensação de vergonha e a tentativa de justificar-se atuando em seu sangue — um calor corpóreo vindo da acusação feita pelas coisas esquecidas. Pegou a estatueta, achando que havia algo de notável no salto limpo e aberto da mulher, na tensão detalhada dos antebraços e das mãos. Uma coisa tão antiga não deveria ter uma postura formal, uma rigidez? Havia nela um fluir suave. Mas, além dessa surpresa, não havia muito a saber. Ela não sabia nada sobre os minoicos. Não tinha certeza nem a respeito do material de que era feita a peça, que espécie de imitação leve de márfil. Ocorreu-lhe que havia deixado a estatueta na escrivi-

nha por não saber o que fazer com ela, como fixá-la ou apoiá-la. O corpo estava solto no espaço, sem apoios, sem uma posição fixa, e parecia que o melhor lugar para ele era a palma da mão.

Estava parada no meio da saleta, escutando.

Edmund dissera que a estatueta era parecida com ela. Kyle examinou-a, tentando extrair-lhe um mínimo de semelhança. Uma moça com uma tanga e faixas nos punhos, duas voltas de colar, suspensa sobre os chifres de um touro em movimento. O ato, o salto em si, podia ser tanto vaudeville quanto terror sagrado. Havia temas e segredos e histórias antigas naquela estatueta de quinze centímetros que ela não podia sequer imaginar. Ela revirava o objeto na mão. Todas as comparações fáceis se desfaziam. Ágil, jovem, fluida, moderna; touros a investir e terra a tremer. Não havia nada que a associasse à mente dentro da obra, um escultor trabalhando com marfim, no ano 1600 a.C., impelido por forças que lhe eram remotas. Ela lembrou-se do velho Hermes de terracota, coroadado de flores, que a contemplava de um passado cognoscível, um teatro do ser compartilhado. Já os minoicos estavam fora de tudo isso. Esguia, graciosa, alheia — a estatueta estava perdida além de vales de idioma e magia, de cosmologias oníricas. Era esse o seu pequeno mistério. Era uma coisa em oposição, que definia o que Kyle não era, estabelecendo-lhe os limites do eu. Ela cerrou o punho que continha a peça, e pensou que a sentia pulsando contra sua pele, um pulso suave e periódico, telúrico.

Kyle estava imóvel, a cabeça inclinada, escutando. Os ônibus passavam, soltando fumaça de óleo diesel que entrava pelas frestas em torno da janela. Ela olhou para um canto da sala, em intensa concentração. Escutava e esperava.

Sua autoconsciência terminava onde a acrobata começava. Tendo se dado conta disso, pôs o objeto no bolso e passou a levá-lo onde quer que fosse.